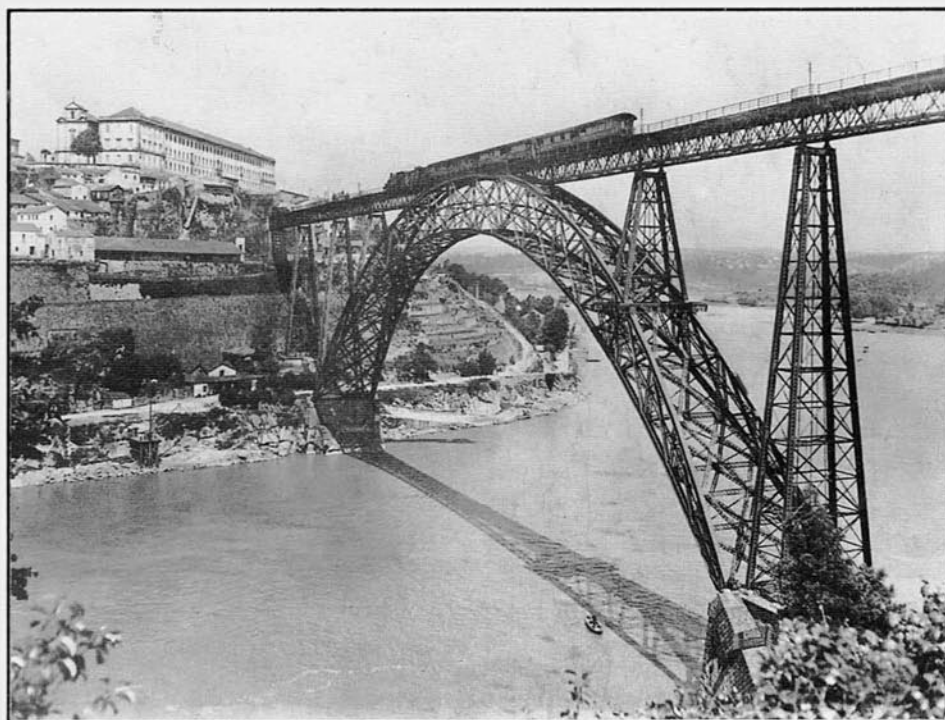


ASSOCIAÇÃO CULTURAL AMIGOS DO PORTO



BOLETIM DE 2000

3.^a SÉRIE • N.º 18

PATRIMÓNIO FABRIL DO PORTO

Francisco Queiroz

Estamos habituados a cada vez mais entender o Porto como cidade-património, procurando legitimamente defender tudo o que no Porto é específico e único da cidade. Porém, se as igrejas e mosteiros congregam opiniões unânimes quando se trata de dar passos na sua preservação e valorização, outro tipo de património não gera tal unanimidade.

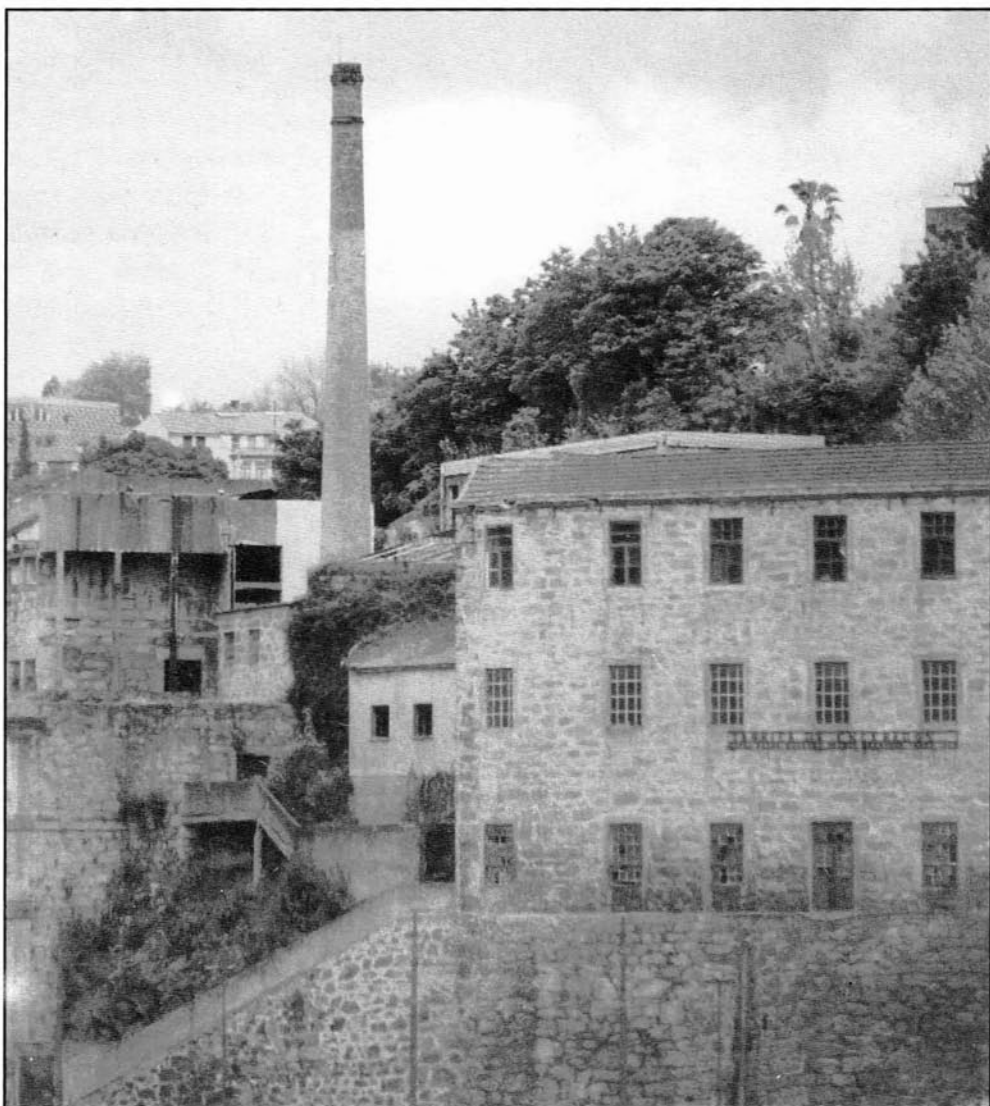
Podíamos nos referir à questão do vasto património cemiterial, pois está ainda hoje a perder-se por falta de consciencialização de seu valor, não só artístico, mas também como memória da cidade numa época já longínqua. Porém, optamos por fazer aqui uma abordagem bastante mais marginal, tomando como bandeira outro tipo de património que é a memória da cidade numa época que já passou, e que, por vicissitudes várias, se está a perder ainda mais rapidamente.

Referimo-nos, obviamente, ao património fabril do Porto. Alguns poderão pensar: mas qual *património fabril*? De facto, das centenas de fábricas e fabriquetas que o Porto albergou durante um século e meio, já quase nada resta!

Não se pretenderia certamente que todas as fábricas portuenses tivessem sido preservadas, pois isso seria uma visão estanque e conservadora do património. Porém, as mais relevantes, ao nível socio-económico, arquitectónico de inovação técnica que trouxeram na época, etc.; essas deveriam ter sido - de algum modo - mantidas, com novas utilizações, é certo.

Contudo, são já tão poucos os exemplos de antigos edifícios fabris no Porto que não nos podemos dar ao luxo de fazer muita selecção dos

mais relevantes. Talvez mais importante seja salvar alguma coisa nesse domínio, enquanto é possível. Porque acima do valor de uma determinada fábrica antiga está o valor da memória do Porto como cidade fabril: a cidade fabril portuguesa - que o foi numa determinada época - mas que as gerações mais novas nunca o poderão perceber, por se estarem a perder as respectivas memórias.



Um aspecto do que resta do outrora importante pólo fabril de Massarelos.

Ascensão e queda

Foi sobretudo após o Cerco do Porto que o tecido industrial portuense obteve grande visibilidade. Indústrias já existentes mas com a laboração interrompida ou muito prejudicada com as guerras liberais necessitaram de um novo fôlego, com novos edifícios novas técnicas e com a - por vezes negligenciada - preciosa ajuda do capital trazido pelos muitos bravos do Mindelo que não eram do Porto, mas que aqui ficaram a viver após o Cerco. Era uma massa de gente aventureira, em alguns casos com algumas posses, que por razões políticas tinha sido forçada a viver quase escondida, mas que agora podia florescer com novos empreendimentos. Vão surgir também nesta época as primeiras sociedades anónimas industriais.

O crescimento do fenómeno da imprensa diária portuense deu também uma ajuda, sobretudo aos investigadores actuais que pretendem conhecer que indústrias existiam naquela época, já que para épocas anteriores a publicidade em jornais era quase nula.

Mas foi sobretudo o aparecimento de um tipo específico de indústria que relançou o crescimento industrial do Porto: a fundição de metais. E esta área fabril foi importante não só porque nela se introduziram as primeiras máquinas a vapor no Porto, mas também porque as máquinas a vapor eram precisamente produzidas em fábricas de fundição. Isto significa que as fundições foram causa e ao mesmo tempo consequência do despertar fabril portuense em finais da década de 1830, e toda a década de 1840.

É certo que houve influência externa na introdução da fundição moderna no Porto. Constatamos que a tecnologia introduzida era quase toda inglesa, sendo os engenheiros também ingleses ou portugueses com tirocínio feito em Inglaterra.

Nesta área, distinguiu-se primeiramente a Companhia de Artefactos de Metais (na Rua do Rosário), que descendeu de uma anterior oficina de serralharia. Começou a laborar como sociedade anónima em 1837, produzindo inicialmente sobretudo fogões e alambiques. Mas o grande impulso industrial deu-se em 1839, após a injeção de capital vindo da dissolvida Companhia de Artefactos de Algodão e Seda, em que também foram accionistas os posteriores grandes responsáveis pela

Companhia de Artefactos de Metais Francisco Inácio Pereira Rubião e o negociante José Correia de Faria. É então que se introduz na fábrica um maquinismo a vapor (a novidade da época) e se dá origem à produção de todo o tipo de peças de fundição artística, procurando seguir aquilo que começava a ser feito nas grandes fábricas europeias. Porém, a Companhia de Artefactos de Metais decaiu bastante após a morte de Francisco Rubião, em 1847. Dois anos depois, a Companhia iniciou um processo de liquidação, que fez passar a fábrica para a família Correia de Faria. Poucos anos depois, também faleceu o próprio José Correia de Faria. A partir daí nunca mais a fábrica atingiu qualquer notoriedade.



Uma das poucas fábricas antigas da zona do Bonfim que ainda resiste à destruição.

Após a Companhia de Artefactos de Metais, outras fábricas de fundição logo surgiram na cidade do Prto. As mais importantes foram, por ordem cronológica:

- a Fundação do Bicalho, muito importante para a industrialização do norte do país, apesar da sua história atribulada;

- a Fundação do Bolhão, que se notabilizou em obras artísticas, tendo sido os seus fundadores - José Vitorino Damásio e os irmãos Faria Guimarães - dos maiores paladinos da industrialização em Portugal,
- a Fundação de Massarelos, que viria a ser a maior fábrica de fundição do Porto e uma das melhores (senão a melhor) do país. Foi idealizada por William Hawke, dissidente da Fundação do Bicalho. Em 1852, entrou na sociedade Gaspar da Cunha Lima (outro dos grandes paladinos da industrialização portuguesa). A fábrica passou então a ser propriedade da *Companhia Aliança*, que chegou ao século XX;
- a Fundação do Ouro, outra das fábricas emblemáticas do Porto e uma das melhores do país. Nasceu pelas mãos de Luís Ferreira de Sousa Cruz, anterior gerente da Fundação do Bicalho, de onde vieram os moldes e a maior parte das máquinas, ferramentas e operários desta nova fundição. A fábrica manteve-se na família Sousa Cruz até ao fim do século XIX. Mais tarde, integrou a *Companhia Aliança*, proprietária da Fundação de Massarelos, ficando assim unidas as duas maiores fundições do Porto.

Ora, da fundição do Bicalho não restam vestígios até porque faliu ainda no século XIX. A fábrica do Bolhão chegou quase até aos nossos dias, embora em local diferente do inicial. Mas o património perdeu-se. Quanto às fábricas de Massarelos e do Ouro, que ficaram conhecidas no século XX apenas como *Companhia Aliança*, apesar de várias tentativas de salvaguarda do seu património fabril, diversas vicissitudes (que ficaram por explicar devidamente) precipitaram a destruição e alienação de um património fabril fabuloso, ao nível de arquivo e de moldes artísticos. No que diz respeito ao que ainda resta do edifício fabril da Fundação do Ouro, de pouco serviu a classificação da portaria de entrada e respectivo gradeamento da fábrica...

E quanto a outras fábricas de fundição mais pequenas, como a de Fradelos, a da Vitória; ou a da Trindade desapareceram sem rasto, engolidas pelo crescimento urbano da cidade.

Em relação à fábrica da Vitória, do conhecido serralheiro portuense Manuel Luís Sentieiro, ficaram notados alguns gradeamentos e fachadas

de lojas portuenses. Ao menos que isso seja preservado. Lembramo-nos, por exemplo, de uma bela grade em ferro fundido existente junto à antiga estação de caminho de ferro da Avenida de França (hoje uma agência bancária), com a marca "SENTIEIRO". Irá lá permanecer por muito tempo? E o que nos resta actualmente da indústria de fundição no Porto? A última fábrica de fundição em laboração e ainda criada no século XIX (em 1895) a Fundação do Bom Sucesso foi recentemente demolida. Mas terá havido a prudência de salvar o arquivo fabril, maquinismos antigos, registar - pelo menos - o que lá existia?

Deixemos a questão da fundição, pois é demasiado triste a situação actual. Passemos ao de leve pelo património fabril do têxtil portuense, onde a situação só é menos má porque existiram muito mais fábricas neste ramo. Porém, é certo que só algumas se distinguiram. A esmagadora maioria era de vão de escada ou de fundo de ilha. Das mais emblemáticas, como a fábrica do Jacinto, só restam memórias.

Porém, na zona oriental da cidade (onde esta indústria floresceu) ainda existem alguns vestígios com interesse, nomeadamente uma fachada de edifício fabril ao cimo da Rua da Alegria, próximo da Albergaria Miradouro.

Em ramo similar temos também a EFANOR (Sra. da Hora), ainda existente como edifício fabril, mas periclitante quanto ao futuro. E já que estamos em Matosinhos, escusado será referir o panorama em que se transformaram as velhas fábricas de conserva. Porém, do outro lado do rio a situação não é melhor as fábricas de cerâmica que fizeram a fama de Gaia estão quase todas por terra.

A recuperação possível

Das duas principais áreas industriais do Porto do século XIX - fundição/serralharia e têxtil - praticamente desapareceram as memórias. O Porto ficou mais pobre. Mas o desaparecimento dos vestígios de indústrias antigas estendeu-se a muitas outras áreas. Porém, mais importante do que chorar o património perdido, importa salvar o que ainda resta. Por isso seleccionamos alguns locais fabris importantes no Porto, que merecem preservação.

Começemos pela antiga fábrica de cerâmica do Carvalhinho, mais conhecida por uma fábrica de Gaia, mas que inicialmente se situou no

Porto. Ainda restam as paredes do edifício e o típico forno de garrafa. Porém, a construção dos pilares da nova ponte do Infante ameaçam o que resta da fábrica. Que fazer para salvaguardar as ruínas? Quando foi demolido o edifício da fábrica de cerâmica de Massarelos (em Quebrantões norte), salvaram-se felizmente os dois fornos de garrafa (actualmente junto a um posto de abastecimento de combustíveis). Apesar de estarem bem conservados, poderia ter sido feito mais, mesmo ao nível da preservação do recheio de uma fábrica tão antiga (embora não fosse aquele o edifício inicial da fábrica).

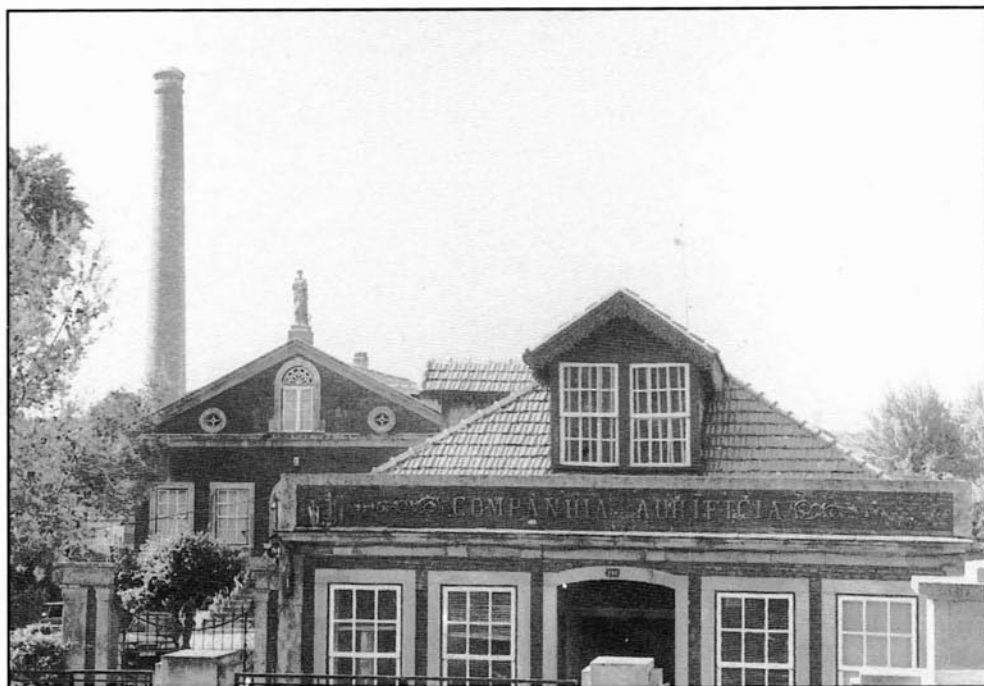
Mais sorte teve a antiga fábrica de moagens Harmonia, no Freixo. Teve o privilégio de ser musealizada, embora muito caminho necessite ainda de ser percorrido até que venha efectivamente a ser um museu, museu esse que também possa recolher aquilo que vai sendo destruído em outros locais do Porto. Merecia mais atenção e mais meios para actuar na preservação do património fabril.

Outro exemplo de uma fábrica relevante com futuro incerto ou ameaçado é a Ach. Brito (dos famosos sabonetes Patti) que também fez uma época. Irá resistir por muito mais tempo ao avanço do betão?



Uma curiosa fábrica-torre que outrora produziu chumbo de munição. Encravada no casco medieval, serve hoje de painel publicitário à firma Sandeman.

E quanto à fábrica de chumbo de munição existente na Ribeira, que se encontra intacta, embora desactivada: tendo em conta que se trata de uma fábrica com sistema de produção baseado na gravidade, existindo já muito poucos exemplares no mundo, com a agravante de que este nosso exemplar se situa bem dentro do casco medieval, não seria de preservar por todas os meios este edifício? E o mais curioso é que esta fábrica-torre não tem aspecto de fábrica (nem chaminé possui), embora não passe despercebida aos portuenses e visitantes, a maioria dos quais nem sonha que tal edifício foi uma fábrica. E claro que dentro do casco histórico existem ainda mais restos de fábricas ou edifícios similares, mas já em ruínas ou descaracterizados. Que dizer por exemplo, do edifício em ruínas que se nos depara por cima da entrada do túnel da Estação de S. Bento, como que encravado em local inacessível, com o seu curioso catavento em forma de baleia? E, porque não referir como antiga fábrica também o Convento de Monchique, embora este edifício fadado ao infortúnio tenha muito mais valor como edificação religiosa.



Detalhe do bem conservado edifício fabril oitocentista da Companhia Aurífrica (Rua dos Bragas).

Por último, mais uma fábrica com futuro incerto, embora ainda não desactivada. Trata-se da Companhia Aurífrica, uma fábrica exemplo de

sucesso industrial. De facto, para se manter tanto tempo em laboração (desde meados do século XIX), com tantas mudanças económicas e sociais que se deram desde então, alguma coisa de especial teve de ter esta fábrica. Desde o início que a empresa se caracterizou por ser avessa aos holofotes e a curiosidade dos plagiários. Foi levando a água ao seu moinho, o que explica também a situação preservada em que se encontra. Mas nunca é demais ficar atento, porque também este património fabril pode desaparecer em pouco tempo. E esta fábrica merece claramente ser preservada no futuro, por todos os meios.

Em conclusão, podemos resumir:

- O património fabril do Porto está praticamente todo desaparecido, pelo que salvar o pouco que resta assume-se ainda mais importante para preservar uma memória específica da cidade.
- Os poucos edifícios fabris sobreviventes situam-se sobretudo nas margens do Douro, que foi um dos principais eixos industriais do Porto no século XIX, ou em locais mais ou menos inacessíveis e encravados entre habitações, onde o betão ainda não chegou.
- A Associação Cultural Amigos do Porto é uma entidade com competência e dever para tomar também como bandeira de preservação do património alguns dos edifícios fabris mais marcantes ainda existentes no Porto, nomeadamente alguns dos que foram referidos.

¹ Os nossos agradecimentos ao Dr. José Manuel Lopes Cordeiro, de quem recolhemos ensinamentos sobre esta área e que muito tem contribuído para chamar a atenção sobre este património fabril em risco. Sobre a industrialização do Porto no século XIX vejam-se: o catálogo da Exposição de Arqueologia Industrial "*Um Século de Indústria no Norte, 1834-1933: o génio dos engenhos*" (Europarque, 27 de Março a 18 de Maio de 1999), com texto de José Manuel Lopes Cordeiro e *Memória da Indústria Exposição fotográfica sobre a indústria no Porto*. Coordenação de Maria da Luz Braga Sampaio. Texto de José Manuel Lopes Cordeiro. Porto, C.M.P., 1993. Para uma perspectiva mais generalista veja-se também RODRIGUES, Manuel Ferreira / MENDES, José Maria Amado - *História da Indústria Portuguesa Da Idade Média aos nossos dias*. Mem Martins, Europa América, 1999.

² Para aprofundamento sobre as fábricas de fundição do Porto, veja-se QUEIROZ, J. Francisco Ferreira - *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de N.ª S.ª da Lapa, 1833-1900*. Tese de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Letras do Porto, 1997, vol. 1, 4.º capítulo, QUEIROZ, J. Francisco Ferreira / PORTELA, Ana Margarida - *O ferro como forma de arte cemiterial, no século XIX*. In "Munda", n.º 39 Maio de 2000, pp. 5-24; QUEIROZ, J. Francisco Ferreira - *O ferro no século XIX: do fascínio à repulsa*. Comunicação apresentada às "I Jornadas do Ferro Forjado" (Coimbra, 11 e 12 de Dezembro de 1999). A publicar brevemente, nas respectivas actas.